

PRAÇA CONCHITA DE MORAIS

Lei nº 6590 de 28-08-1991, Artigo 1º, Inciso XVI

Formada pela praça 3 do Conjunto Habitacional Lech Walesa (Dic IV)

Situada com a frente para a rua Anália Franco e fundos para a gleba de Elza Von Ah e Irmãos ou Sucessores

Conjunto Habitacional Lech Walesa (Dic IV)

Obs.: Lei sancionada e promulgada pelo Prefeito Jacó Bittar. Projeto de lei nº 141/91. Processo CM 56.195/91.

CONCHITA DE MORAIS

Conchita Vallina Bernard, a Conchita de Moraes, nasceu em Havana, Cuba, em 27-setembro-1885 e faleceu no Rio de Janeiro, em Outubro-1962. Era filha dos artistas aragoneses Servando Alvarez Vallina e Dulcina Bernard e foi casada com o ator Atila de Moraes, tendo cinco filhos, dentre os quais, a famosa atriz Dulcina de Moraes. Seus pais vieram para o Brasil e o elenco após passar por diversas cidades, fixou-se no Rio. Em 1894 morreu-lhe o pai e no ano seguinte a mãe, indo Conchita aos 10 anos, morar com os tios em Buenos Aires. Família rica e aristocrática, não permitia a Conchita falar em teatro, conquanto recebesse esmerada educação. Com a morte de sua tia, Conchita consegue que lhe mandem de volta ao Brasil. Aos 20 anos, começa a trabalhar na Companhia de Ismênia Santos, conhecendo então um professor, Atila de Moraes, com quem se casa e nunca mais deixou o teatro. Para criar seus filhos, afastou-se temporariamente, para em seguida voltar aos palcos, onde se constituiu numa das maiores atrizes do Brasil. Exibiu-se em cidades e cinemas do interior, até que ingressou na Companhia Dulcina-Odilon, de sua filha. Teve brilhante carreira. A exemplo do que ocorreu em outras cidades, aqui em Campinas, na apresentação de "As Árvores Morrem de Pé", no antigo Teatro Municipal, Conchita foi aplaudida de pé, e teve de repetir por quatro vezes uma cena da peça. Aliás, em 1950, na apresentação dessa peça no Rio, Conchita foi alvo de uma das maiores homenagens já tributada a uma atriz no Brasil, recebendo a Grande Comenda da Ordem do Cruzeiro do Sul.

LEI Nº 6590 DE 28 DE AGOSTO DE 1991

DENOMINA VIAS E PRAÇAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

A Câmara Municipal aprovou e eu, Prefeito do Município de Campinas, sanciono e promulgo a seguinte lei:

Artigo 1º - Ficam denominadas as seguintes vias e praças públicas do Conjunto Habitacional Lech Walesa (DIC IV) a seguir descritas e caracterizadas:

I - Rua "IBRANTINA CARDONA", a Rua 14, com início na Rua 12 e término na divisa do loteamento.

II - Rua "CARMEM DE ANGELIS NICOLETTI", a Rua 12, com início na Rua 16 e término na divisa do loteamento.

III - Rua "ANÁLIA FRANCO", a Rua 1, com início na divisa sudoeste e término na divisa norte do loteamento.

IV - Rua "CHIQUINHA GONZAGA", a Rua 2, com início na divisa sudoeste e término na divisa noroeste do loteamento.

V - Rua "APOLÔNIA PINTO", a Rua 6, com início na Rua 17 e término na divisa do loteamento.

VI - Rua "ITÁLIA FAUSTA", a Rua 7, com início na Rua 17 e término na divisa sudoeste do loteamento.

VII - Rua "CECÍLIA MEIRELES", a Rua 8, com início na Rua 17 e término na divisa norte do loteamento.

VIII - Rua "BÁRBARA HELIODORA", a Rua 10, com início na Rua 16 e término na divisa sul do loteamento.

IX - Rua "FRANCISCA JÚLIA DA SILVA", a Rua 11 com início na Rua 15 e término na Rua 13 do loteamento.

X - Rua "MARIA DOLORES", a Rua 16, com início na Rua 17 à altura das divisas dos lotes 24 e 25 da quadra "O" e término na Rua 12 do loteamento.

XI - Rua "COLOMBINA", a Rua 21, com início na Rua 1 e término na Rua 02 do loteamento.

XII - Rua "ANITA MALFATTI", a Rua 22, com início na Rua 1 e término na Rua 2 do loteamento.

XIII - Rua "JANETE CLAIR", a Rua 23, com início na Rua 1 e término na divisa oeste do loteamento.

XIV - Praça "BERTA LUZ", a praça 1, com frente para a Rua 1 e fundos com a gleba de Elza Von Ah e Irmãos ou sucessores, do loteamento.

XV - Praça "AUTA DE SOUZA", a praça 2, formada pelo contorno das Ruas 1 e 23 do loteamento.

XVI - Praça "CONCHITA DE MORAIS", a praça 3, com sua frente para a Rua 1 e fundos com a gleba de Elza Von Ah e Irmãos ou sucessores, do loteamento.

XVII - Praça "GILDA DE ABREU", a praça 4, formada pelo contorno das Ruas 10 e 16 do loteamento.

XVIII - Praça "DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ", a praça 5 formada pelo contorno das Ruas 10, 16 e 17 do loteamento.

Artigo 2º - Ficam denominadas as seguintes vias públicas do Conjunto Habitacional Mons. Luis Fernandes de Abreu (DIC I) a seguir descritas e caracterizadas:

I - Rua "ADALGIZA NERY", a Rua 35, com início na Rua 49 e término na Rua 53 do loteamento.

II - Rua "DJANIRA DA MORA E SILVA", a Rua 37, com início na Rua 47 e término na Rua 52 do loteamento.

III - Rua "TARSILA DO AMARAL" a Rua 44 com início na Rua 33 do loteamento, e término na Rua 7 do Jardim Melina.

IV - Rua "CACILDA BECKER", a Rua 53, com início na Rua Nelson Barbosa da Silva e término na divisa sul do loteamento.

Artigo 3º - Fica denominada Praça "CARMEN CINIRA", a Praça 1 do loteamento Chácara Cnêo formada pelo contorno das Ruas João Alfredo Wilson da Costa e Prof. Jorge Leme do mesmo loteamento.

Artigo 4º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 28 de agosto de 1991

JACÓ BITTAR
Prefeito Municipal



PROCESSO

141/91

P. L.

141/91

Morreu Conchita de Moraes, a Grande Dama do Teatro Brasileiro

UM colapso cardíaco levou ontem uma grande dama do teatro brasileiro, ao qual ela deu uma filha e quase 50 anos de sua vida. Aos 77 anos, morreu Conchita de Moraes, sepultada às nove horas de hoje no Caju.

Para o túmulo, ela levou a saudade do público de teatro de todo o Brasil, que percorreu de ponta a ponta, e o maior preito de gratidão que o País presta aos que vêm de fora para servi-lo: a Grande Comenda da Ordem do Cruzeiro do Sul.

De Cuba Para o Brasil

Em 1887, a Companhia Espanhola de Zarzuelas Bernard deixou Cuba com destino à América do Sul. Sua mais jovem integrante tinha dois anos de idade: era Conchita Bernard Vallina, filha de Servando Alvares Vallina e Dulcina Bernard de los Rios. Uma excursão agitada pelo Continente terminou dois anos depois no Brasil. "La Tempestad" foi a última peça encenada, no Teatro Lucinda, antes de se dissolver a companhia.

Mas Servando Alvares e sua esposa haviam decidido não mais deixar nem o país nem o teatro brasileiro.

O "Cativeiro"

Um ano depois Servando falecia. A grande atriz do passado Ismênia dos Santos, que se afeiçoara ao casal, fez grande amizade com Dulcina Bernard, que, alguns anos depois, morria também. Órfã, e aos dez anos de idade, Conchita parte para Buenos Aires, onde fica em companhia de uma tia. Era um meio totalmente diferente daquele em que a menina-atriz vivera até então.

A família da tia era composta de aristocratas que não lhe permitiam que falasse em teatro. Sua vida tornara-se monótona e triste, sempre à volta com professores que pareciam não se cansar de atormentá-la. Em seu luxuoso quarto de menina-moça, ferida na prisão que era a educação daquela época, Conchita sonhava com o dia em que poderia seguir o seu verdadeiro caminho. A morte, que antes já havia causado sofrimentos à menina Conchita, serviu então para libertá-la. Falecendo a tia a quem fora confiada, conseguiu permissão dos parentes para voltar ao Brasil.

Tinha vinte anos, era bela e alegre. Depois de algum tempo casou-se com um rapaz pauperrimo e iniciante na ribalta: Átila de Moraes.

O Comêço

Depois do casamento, Conchita começou a sua carreira de

quase 50 anos de teatro, com a peça "Almas do Outro Mundo", em Minas Gerais. Passaram-se os anos e Conchita de Moraes e seu esposo viajaram por todo o país, na Companhia de Ismênia dos Santos.

Do casamento nasceu a atriz Dulcina de Moraes, que até hoje atua nos palcos. Tiveram ao todo cinco filhos. Saíram sempre juntos, até que em 1948, morreu Átila de Moraes. Quando perdeu o esposo, Conchita já era um dos grandes nomes do teatro brasileiro, atingindo os pontos mais altos de seu sucesso em peças como "Chuva" e "As Arvores Morrem de Pé".

Ordem do Cruzeiro do Sul

Em 1950, artistas brasileiros, críticos, escritores e autores reuniram-se no Teatro Regina para assistir à entrega da Grande Comenda da Ordem do Cruzeiro do Sul, que simbolizava o agradecimento do Brasil a Conchita de Moraes.

A carreira da grande atriz já estava quase no fim. Pouco a pouco, com a relutância de quem se despede de algo muito amado, a grande dama foi se afastando do palco.



Conchita morreu como as árvores: de pé

A. CARVALHAES

Morreu Conchita de Moraes — toda uma época do teatro brasileiro. Mas morreu de pé, como as árvores. Quem, como ela, dedicou 57 anos de sua vida ao teatro e desapareceu ainda em plena atividade, morreu de pé.

Tinha 77 anos, completados 5 dias antes da morte (dia 2 último). Era do tempo em que teatro se fazia a luz de querosene. Na sua posição de "dama central" de centenas de peças de sucesso, foi sempre aquela "única boa comediante entre cem bons atores" de que nos falava D'Hannetaire.

Quantas vezes em sua longa vida artística subiu e desceu planos e linhas que lhe marcavam os "metteur-en-scène" (que assim eram chamados os diretores à antiga) mas quarteladas? Quantas personagens comicas ou dramáticas criou? Quem sabe lá...

Nasceu em Cuba

A história de Conchita começa precisamente há 79 anos, em Cuba. Em 1883 aportava em Havana uma companhia espanhola de "zarzuelas" (especie de operas comicas ou operetas da Espanha, geralmente encenando costumes de determinada região com seus trajes, tipos e motivos musicais e folclóricos). O elenco vinha de Madri e tinha, como astros, os aragoneses Servando Alvarez Vallina e Dulcina Bernard. Ela era viúva e irmã do empresario. Durante os 2 meses que durou a traves-

sia — em barco a vela, que chegou a ficar à mercê de uma tempestade — nasceu um romance de amor entre os astros. Casaram-se em Havana e lá foram ficando, porque o sucesso da temporada o permitiu.

Dois anos após, a 27 de setembro de 1885, nasceu Conchita Vallina Bernard, a nossa Conchita. Mais dois anos e o elenco recomeçou a perambular pela Venezuela, Colombia, chegando a Belém do Pará quando Conchita tinha 4 anos. Varias cidades brasileiras foram visitadas, alternando sucessos e fracassos, até que em 1889 a companhia foi dar no Teatro Lucinda, do Rio de Janeiro — e acabou-se.

Orfã aos 10

Servando e Dulcina, tendo aprendido a amar o Brasil, resolveram ficar por aqui. A atriz brasileira Ismenia dos Santos contratou o casal para sua companhia, mas um ano após, em 1894, morreu Servando. Minada pelo desgosto de ver-se novamente viúva, Dulcina em breve sucumbiu. A pequena Conchita ficou orfã aos 10 anos.

Triste e sozinha, lá se foi Conchita morar com os tios em Buenos Aires. Ela, que vinha das alegrias e incertezas da vida artística, conheceu — e sofreu — a chatice de uma família aristocrática que sequer permitia-lhe falar em teatro, conquanto lhe desse educação esmerada e luxo. Isso não bastava; a menina sonhava — delirava — com as luzes da ribalta que lhe haviam iluminado as primeiras brincadeiras. Um dia, morreu-lhe a tia e ela consegue que a mandem de volta ao Brasil. Tinha 20 anos, era graciosa e muito alegre.

Estreou com 20

Por essa ocasião, Ismenia dos Santos exibia-se em Mar de Espanha e foi nessa cidade mineira (onde, aliás, nasceu o comico Oscarito, de uma família circense espanhola) que a atriz, recebeu Conchita de braços abertos. E como não podia deixar de ser, Conchita estreou ali como atriz na peça "Almas do Outro Mundo". Havia um jovem ator, Atila de Moraes, que estava prestes a dedicar-se ao magisterio. Vendo Conchita, o Brasil perdeu um professor: Atila casou-se com ela e nunca mais deixou o teatro.

Em 1908, em Valença, Estado do Rio, nasceu-lhes Dulcina, atriz de ontem e de hoje. Os anos passaram e Dul-



Conchita de Moraes, há 5 anos, com O dilon de Azevedo Sam paio

cina ganhou mais quatro irmãs: Odete, Rute, Edite (esposa de Manuel Durães) e Noemia, prematuramente falecida. Os encargos maternos de Conchita a afastaram anos do palco, porém Atila viu-se em boa posição, contratado para o elenco do ator Leopoldo Fróes. Ao lado deste ultimo haveria de estreiar, adolescente ainda, Dulcina.

Segunda fase

Somente após as filhas estarem casadas ou encaminhadas é que Conchita pôde voltar ao palco, iniciando a segunda fase de sua carreira. Seu forte eram as turnês pelas cidades do interior, na companhia da propria família, até que, por volta de 1925, estiveram em moda as cinemas (como o Iris, o Central e outros do Rio de Janeiro) que exibiam pequenas peças.

Mais tarde, formou-se a Cia. Dulcina-Odilon, que tanta importancia teve na renovação do nosso teatro. Atila de Moraes muito ajudou a filha e o genro, com sua longa experiencia, mas viu-se obrigado, pela idade, a abandonar o palco. Conchita, porém, continuou, feliz e cercada de netos. Dez dias antes do seu 65.º aniversário, no dia 24 de fevereiro de 1948, Atila morreu. Conchita, apesar de tudo, continuou com a filha. Em 1950, ao interpretar "As Árvores Morrem de Pé" no Teatro Regina (hoje Dulcina), Conchita foi alvo de uma das maiores homenagens já tributadas a uma atriz no Brasil, ganhando a Grande Comenda da Ordem do Cruzeiro do Sul (que viria, depois, a ser consignada a mais uma unica atriz: Henriette Morineau).

Morreu de pé

O ultimo desempenho de Conchita de Moraes foi há meses no nosso Teatro Bela Vista, ao lado de Dulcina e Odilon, a convite de Nidia Licia, fazendo a Mãe Burnside de "Tia Mãe". Sua aparição em cena era breve, porém marcante, e o publico a recebia, todas as noites, com uma salva de palmas. Depois,

Dulcina e Odilon remontaram "Chuva", onde Conchita não entrava. Retornando ao Rio de Janeiro, a veterana atriz viu agravar-se seu estado de saude. Após um mês de padecimento, morreu; morreu de pé, porque até o ultimo momento não se afastou do palco.

Sei que tão cedo não morrerá sua lembrança, mesmo desaparecendo, com os anos, o publico que sempre lhe foi fiel. Ainda assim, restarão os jovens atores de Nidia Licia, que se me confessaram simplesmente rendidos àquela grande alma, àquele fabuloso "monstro sagrado". O profundo reconhecimento ao gesto espontaneo de seus jovens companheiros de cena Conchita o externou num adeus de proprio punho, que ficou emoldurado e orgulhosamente exposto no escritorio de Nidia, no TBV.



— Quarta-feira — 3 de outubro de 1962

Perde o teatro brasileiro uma de suas grandes figuras

CONCHITA DE MORAIS FALECEU ONTEM NO RIO DE JANEIRO

Considerada uma das maiores atrizes dos últimos tempos — Agra-
ciada com a Ordem do Cruzeiro do Sul, Conchita ultimamente vinha
trabalhando ao lado de sua filha Dulcina

RIO, 2 (Meridional) — Com a
idade de 77 anos, 57 dos quais
dedicados ao teatro brasileiro,
faleceu, na tarde de ontem, após
breve enfermidade, a artista
Conchita de Moraes.



Conchita, que veio para o Bra-
sil com 21 anos, trabalhou em
vários teatros, sempre em pa-
pel de destaque, tendo, também,
se dedicado à Radio Nacional,
como excelente radiotriz. Foi
considerada uma das maiores

atrizes do teatro brasileiro, da-
da a sua versatilidade, passan-
do dos papéis cômicos aos dra-
máticos, com rara facilidade.
Sua carreira atingiu o auge,
quando, há dois anos, foi agra-
ciada pelo então presidente da
República, com a Ordem do Cru-
zeiro do Sul, pela sua vida de-
dicada à arte.

A extinta, ultimamente, vinha
trabalhando ao lado de sua filha
Dulcina de Moraes, tendo termi-
nado, há poucos dias, uma tem-
porada nos teatros de S. Paulo.

O corpo de Conchita foi vela-
do durante toda a noite de on-
tem, por grande número de ami-
gos e admiradores, na capela do
cemitério São Francisco Xavier,
de onde saiu o feretro, às 9
horas de hoje, para o mausoléu
da família.

